

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 78

Data: 30.10.83

Pg.: _____

**Universidade
¹⁹⁰preservará os
avá-canoeiros**

A Universidade Católica de Goiás, através do Instituto Golano de Pré-História e Antropologia, começará em 30 dias um projeto de apoio aos avá-canoeiros, contactados no Município de Minaçu e pertencentes ao último grupo indígena ainda arredio existente no território estadual. A chamada Comissão-Avá-Canoeiros terá a participação de vários segmentos da sociedade e a participação do Estado e da Funai.

A meta é preservar esses silvícolas, muito importantes sobretudo para estudos científicos, pois se formaram através da miscigenação de índios puros e negros escravos que fugiram das fazendas. (Página 6)



WALTER SOARES

Sorridentes, três avá-canoeiros em posição típica, já não tanto arredios

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 79

Data: 30.10.83

Pg.: _____

Católica prepara projeto para dar apoio aos avás

O diretor do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, professor Altair Sales Barbosa, informou ontem que dentro de 30 dias começará a ser implantado o projeto de apoio aos avá-canoeiros, contactados no município de Minaçu, no início deste mês, por uma equipe de pesquisadores. Ele anunciou ainda a constituição da Comissão Avá-Canoeiros, que contará com a representação de segmentos da sociedade e disse que procurará nos próximos dias o Governo de Goiás e a Fundação Nacional do Índio para que seja realizado um trabalho conjunto com o IGPA, visando a preservação desses silvícolas, considerados o último grupo de índios arredios existente no Estado.

Altair Barbosa anunciou ainda que no próximo mês de janeiro uma nova equipe do IGPA se deslocará novamente para a região de Minaçu, onde deverá ficar mais de 20 dias, objetivando levantar subsídios e conhecimentos sobre a cultura, características e modo de vida dos avá-canoeiros. Calcula-se, pelas informações colhidas pela primeira equipe que esteve no local, que existam uns 60 silvícolas dessa tribo, que, arredios, vivem em situação de penúria e sofrendo a perseguição de fazendeiros que hoje ocupam terras que historicamente lhes pertencem.

RESPONSABILIDADE

O diretor do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia diz que a decisão de procurar o Governo do Estado para que também participe do projeto avá-canoeiros "deve-se ao fato do grupo ser especificamente goiano e nômade e por isso o Estado de Goiás tem uma responsabilidade muito grande na sua preservação e na sua história". No mesmo sentido, declarou que a Funai será procurada. O professor Altair fez questão de frisar que há aproximadamente 200 anos que os avá-canoeiros são citados na história, uma história que marca o seu sofrimento, sua expulsão de terras que historicamente lhes pertencem e ainda o massacre que sofreram ao longo dos anos.

Ele ressaltou ainda que o mais urgente a ser feito dentro do projeto avá-canoeiro será a demarcação das terras desses índios, porque é grave e de penúria a situação em que eles estão vivendo hoje no município de Minaçu. Salientou que "é preciso que se dê condições a esses índios de trabalho, de voltarem a exercer suas atividades de subsistência, dando a eles condições, inclusive físicas porque se encontram muito doentes e necessitando de cuidados". Por outro lado, num trabalho paralelo, a pesquisadora Dulce Rios Pedroso, que participou da equipe que contactou os avá-canoeiros, irá percorrer várias regiões, onde, segundo informações, esses índios habitaram tais como Amaro Leite, próximo a Mara Rosa, Niquelândia e outros povoados. Seu trabalho se concentrará no estudo da etnologia dos avá-canoeiros.

MISTÉRIO

O Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia está disposto a estudar e trabalhar junto aos avá-canoeiros para descobrir e elucidar muitos pontos que permanecem obscuros e de que só se tem notícias muito vagas, admite o professor Altair. Ele disse que tudo isso será feito pelo IGPA sob a orientação do professor Mércio Pereira Gomes, pesquisador da Universidade de Campinas e integrante da equipe que esteve recentemente em Minaçu. O professor Mércio conhece bem a língua dos avá-canoeiros, porque trabalha também os índios Guajá no Maranhão, que falam o tupi, que com pequenas variações de sons e a mesma usada pelos canoieiros. Além do professor integraram a equipe que contactou com os avá-canoeiros em Minaçu os pesquisadores Mário Arruda, Dulce Rios Pedroso, Alan D. Kobyn, Maria Eugênia Alvarenga Nunes e Lúcia Lobo Amado.